



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DEGRADAÇÃO SISTÊMICA DO TRABALHO E SAÚDE DO TRABALHADOR

NO AGROHIDRONEGÓCIO NO BRASIL

Antonio Thomaz Junior

[thomazjr@gmail.com](mailto:thomazjr@gmail.com)

FCT/UNESP Presidente Prudente, SP (Brasil)



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **RESUMEN**

A convergência de esforços de pesquisa com o objetivo de entender de forma articulada a luta pelo acesso à terra (planas, férteis, baratas e com logística compatível), e à água (superficial e subterrânea), nos têm possibilitado abordar a monopolização da terra - com a manutenção/intensificação da trajetória latifundista -, e da degradação ambiental e do trabalho no âmbito do que denominamos de agrohidronegócio, no Brasil, enquanto expressão do modelo agroexportador brasileiro e sua marca destrutiva intrínseca. Assim, estejamos abordando, por exemplo, a soja, a cana-de-açúcar, o eucalipto, o milho, monocultivo de frutas, estamos imersos no ambiente degradado do modelo concentrador de terra, água, riquezas, renda, bem como, indutor de destruição e de pobreza. A convivência entre o moderno e o degradado, que em nome do desenvolvimento, apresenta-se até como sustentável, moderno, carrega em si bolsões de pobreza e os sinais da destruição, especialmente, após a consolidação das inovações da marca quimificadora, que socializa a contaminação dos trabalhadores diretamente envolvidos, da sociedade e do meio ambiente. Outro aspecto importante e que revela os sinais de sintonia desse processo em escala global é que o tradicional caráter exportador da agropecuária, no Brasil, está sujeito aos comandos dos processos internacionalizados da reestruturação produtiva do capital, que subordinam o circuito agroindustrial como um todo, incluindo os insumos químico-biológico-mecânico-informacionais. Daí a identificação da degradação sistêmica do trabalho no agrohidronegócio como referencial para nossas reflexões nesse artigo. A nocividade desse processo, dos ambientes reformados, bem como das formulações combinadas das rotinas de trabalho, que têm transcurso as doenças ocupacionais, que expressam inúmeras situações de exposição a riscos, mutilações, contaminação, intoxicação, acidentes graves e até mesmo mortes.

### **ABSTRACT**

The convergence of research efforts to articulate the struggle for land access (flat, fertile, cheap and compatible logistics) and water (surface and underground) have made it possible to address the monopolization of land - with the maintenance / intensification of the latifundista trajectory -, and the environmental degradation and the work in the scope of what we call agro-hydro-business in Brazil, as an expression of the Brazilian agro-export model and its intrinsic destructive mark. So, for example, soybeans, sugarcane, eucalyptus, corn, monoculture of fruits, we are immersed in the degraded environment of the model concentrating land, water, wealth, income, as well as inducing destruction and poverty. The coexistence between the modern and the degraded, which in the name of development presents itself as sustainable, modern, carries within itself pockets of poverty and the signs of destruction,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

especially after the consolidation of the innovations of the chemo-brand, which socializes the contamination of workers directly involved, society and the environment. Another important aspect that reveals the syntony of this process on a global scale is that the traditional exporting character of agriculture in Brazil is subject to the controls of the internationalized processes of productive restructuring of capital, which subordinate the agroindustrial circuit as a whole, including the chemical-biological-mechanical-informational inputs. Hence the identification of the systemic degradation of work in agro-hydro-business as a reference for our reflections in this article. The harmfulness of this process, of the reformed environments, as well as of the combined formulations of work routines, which have undergone occupational diseases, which express numerous situations of exposure to hazards, mutilation, contamination, intoxication, serious accidents and even deaths.

### **Palabras clave**

Degradação sistêmica do trabalho no agrohidronegócio; reestruturação produtiva do capital;

### **Keywords**

Systemic degradation of work; agro-hydro-business; occupational diseases; agrohidronegócio



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### I. Introducción

A convergência de esforços de pesquisa, com o objetivo de entender de forma articulada a luta pelo acesso à terra (áreas planas, férteis, baratas e com logística compatível) e à água (superficial e subterrânea), além da gestão de recursos hídricos, tem-nos possibilitado abordar a monopolização da terra – com a manutenção/intensificação da trajetória latifundista – e a degradação ambiental e do trabalho, no âmbito do que denominamos agrohídronegócio, no Brasil, enquanto expressão do modelo agroexportador brasileiro e sua marca destrutiva intrínseca. Assim, estejamos abordando, por exemplo, a soja, a cana-de-açúcar, o eucalipto, o milho, o monocultivo de frutas, a frigorificação de carnes, estamos imersos no ambiente degradado do modelo concentrador de terra, água, renda, riqueza, bem como protagonista da destruição das forças produtivas e multiplicador da miséria e da pobreza dos trabalhadores.

Não obstante, sob a insígnia do agrohídronegócio, das grandes estruturas oligo/monopólicas, tem-se um complexo leque de ocorrências: o crescimento das desigualdades sociais e de gênero; crescimento das perseguições/extermínio étnico-raciais, e dos conflitos por terra/água; a intensificação da exploração do trabalho e seus atributos hodiernos de destruição das forças produtivas, seja pelo desemprego/subemprego, seja pelo descarte; a degradação ambiental (dos mananciais hídricos, das províncias minerais, dos solos etc.); a repressão e criminalização dos movimentos sociais; o controle de setores corruptos da justiça e das varas do trabalho, bem como as apelativas e de grau superior, como TST e a Suprema Corte (STF). Estas, pois, diga-se, têm imposto marcas indelévels antidemocráticas e autoritárias, contra os trabalhadores, desrespeitando o direito de greve, destruindo forças produtivas, descartando trabalhadores do mercado de trabalho; contra os sem terras, as populações camponesas, as comunidades originárias e tradicionais, negando-lhes, respectivamente, o direito de acesso às terras griladas e às que não cumprem dever social, à reforma



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

agrária, bem como àquelas porções do território, já previstas e demarcadas terras/reservas indígenas, na Constituição de 1988 etc.

De forma sintética são esses os componentes estruturantes da civilização da barbárie da sociedade do capital que agregam e qualificam a endêmica marca da degradação sistêmica. Na insígnia do agrohíbrido esses atributos e corolários do desenvolvimento contraditório e destrutivo das forças sociais e da natureza dos seus respectivos tempos históricos redefinem constantemente os arranjos territoriais dos espaços.

Essa convivência entre o moderno e o degradado, que, em nome do desenvolvimento, se apresenta até como sustentável, carrega em si o germe da destruição e os sinais da pobreza, especialmente após a consolidação das inovações da marca quimificadora que se alastra nos ambientes da produção de monocultivos em larga escala para exportação, a qual amplia e intensifica a contaminação dos trabalhadores diretamente envolvidos, bem como das comunidades fronteiriças, dos consumidores, dos mananciais, do ar, dos solos, da fauna, da flora etc. (THOMAZ JUNIOR, 2014). Essa marca da commoditização enquanto prática de produção e edificação das cadeias produtivas agro-químico-alimentares além de atingir a produção de alimentos (arroz, feijão, legumes e frutas para o consumo de mesa), contar com apoio dos recursos públicos e da logística requerida para coroar de sucesso esse modelo consagrador dos monopólios, via de regra descumpre acordos e contratos de trabalho, legislação trabalhista, normas regulamentadoras e se impõem como protagonista da degradação sistêmica do trabalho.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **II. Marco teórico/marco conceptual**

O impacto das formas de exploração da força de trabalho, implementadas pelo capitalismo contemporâneo, como pondera Harvey (2013), ao analisar as formas de acumulação – com referência a K. Marx e R. Luxemburgo –, por meio do conceito de acumulação por espoliação. Com efeito, tem-se que, no momento de mundialização do capital, não se fazem ausentes os mecanismos e procedimentos utilizados quando do momento da acumulação originária ou primitiva, como algo exclusivo e único, correspondente à fase inicial do capitalismo e que desapareceu, no decorrer do tempo. Vale enfatizar que a crítica de Luxemburgo ao fato de Marx ter relegado a acumulação primitiva somente ao passado se fundamentou na existência simultânea e sempre conflituosa entre as camadas sociais e sociedades não capitalistas. Estas, pois, movidas pela economia natural, porém subsumida e indispensável à sobrevivência do próprio sistema. Explica-nos Luxemburgo (1976) que o problema consiste precisamente no fato de que, “[...] na realidade, nunca houve – e nem há – uma sociedade capitalista que se baste por si mesma, na qual domina exclusivamente a produção capitalista.” (p. 298).

A vigência da forma do trabalho social requer que retomemos a teoria do valor em Marx, para que demarquemos a complexa trama de relações contemporâneas para vislumbrarmos alternativas ao metabolismo social vigente. É central nessa tomada de posição a condenação dos meios alienados e personificados dos circuitos de produção regidos pelo valor de troca que subvertem a condição ontológica da realização social do trabalho, reificando e soldando as formas estranhadas de trabalho para o capital.

Na base edificante desse projeto de desenvolvimento alicerçado na produção do excedente, na exploração do trabalho não pago e na apropriação da mais valia, requer modificações na processualidade metabólica do sistema do capital para manter-se hegemônica na sociedade burguesa. Assim, as mudanças nos patamares tecnológicos, formas de gestão e controle do trabalho são implementados, porém mantém-se as



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

exigências históricas do Estado a serviço de tal empreendimento. É por isso e não fortuitamente que o estado burguês é, de fato, protagonista da estrutura social de comando político, social, econômico, repressivo, militar etc., do metabolismo social do capital e é requerido para garantir exequibilidade à continuidade do sistema de produção/exploração característicos. Como nos anuncia Mészáros (2015), em A montanha que devemos conquistar - obra que prima a dissolução do Estado burguês numa ordem social emancipada do capital: "a crise estrutural de nossa época demanda por um envolvimento cada vez mais direto do Estado na sobrevivência direta do sistema" (p.27). Isto é, como não há limites à acumulação de capital, o sistema metabólico encima-se nos próprios elementos que o garantem extrair mais valor ou trabalho não pago. Não há ensinamentos positivos a serem extraídos dessa experiência, ou como nos diz Mészáros (2002), inexistente possibilidade de positividade por meio da suposta destruição criativa, ou seja, como se a destruição da natureza, em nome da criação de mercadorias pudesse desenvolver as forças produtivas, com o propósito de melhorar as condições materiais, de vida e de trabalho da classe trabalhadora.

É oportuno resgatar que a verdadeira finalidade da produção capitalista não é a mais-valia de forma restrita, mas a aposta na ilimitação desse processo e em quantidades que se multipliquem. Para tanto, misturam-se complexas relações de dominação e controle do capital sobre o trabalho, na crescente e cada vez mais ampla subordinação do valor de uso pelo valor de troca e ao mercado, o que vai implicar a redução da taxa de utilização das mercadorias e, conseqüentemente, a desmesurada capacidade de produzir, sem que seja compatível a mesma proporção do consumo, redundando no desperdício, no consumismo desenfreado de mercadorias, na degradação ambiental e do trabalho, com particular atenção ao agrohidronegócio.

Outro aspecto importante, consoante aos principais eixos fundantes do agrohidronegócio, base para o entendimento da degradação sistêmica do trabalho e que revela os sinais de sintonia desse processo em escala global, é que o tradicional caráter exportador da agropecuária, no Brasil, está sujeito aos comandos dos processos internacionalizados da reestruturação produtiva do capital, os quais subordinam o



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

circuito agroindustrial como um todo, na produção, na circulação, na distribuição e no consumo de mercadorias agrícolas, de insumos químico-biológico-mecânico-informacionais. Essa rede de relações torna ainda mais complexas as escalas de dependência e de dominação, porque se sustenta e se redefine, em grande medida, guiada pelos referenciais dos conglomerados transnacionais, trustes, fixados na ciranda financeira ou no capital fictício, e nas estratégias e interesses do sistema manipulatório (THOMAZ JUNIOR, 2015).

Os desdobramentos desse processo para o trabalho, desde a instabilização dos postos de trabalho, desemprego tecnológico, formas de controle mais rígidas, exposição aos riscos e adoecimentos que evidenciam a tônica da intensificação das formas de exploração, retirada de direitos via as reformas na legislação (seja na Constituição, seja nos tratativas e nos códigos de proteção), como no Brasil, especialmente pós-golpe de 2016, os descumprimentos habituais, os efeitos da quimificação dos processos produtivos, nos casos específicos das cadeias agroprocessadoras, a pilhagem dos recursos naturais, enfim apontam para insolubilidade crônica vinculada à incontrolabilidade do capital, expressão acabada do destrutivismo desse modo de produção. No entanto, é importante e oportuno acrescentar a esse rol de regressividades e iniquidades intrínsecas ao metabolismo societário do capital, os reverses mormente desconsiderados, que rebatem na subjetividade de classe, ou propriamente na organização política dos trabalhadores (sindicatos, centrais sindicais, associações, cooperativas, movimentos sociais), que influenciam todas as esferas da vida do ser que trabalha. Aqui se inclui o cotidiano, a intolerância, com a elevação dos casos de xenofobia, racismo, homofobia, cujos exemplos respondem à escala mundial, não mais restritos aos marcos ocidentais, grotescos, mais conhecidos, como são os casos da América Latina e África, e especialmente as perversidades específicas dos processos de trabalho na China, com os casos alarmantes de suicídios nos locais de trabalho, e no Sudeste Asiático, que engrossam a civilização da barbárie do capital à exaustão. A esse respeito vale o registro da produção cinematográfica que retrata com amplitude e múltiplos significados as novas/velhas estruturas de controle do trabalho, refeitas parcial



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ou integralmente para atender os novos objetivos da acumulação de capital no século XXI, tais como: *Inside Job* (2010), de Charles Ferguson; *Segundas-feiras ao Sol* (2004), de Fernando Leon; *Pride* (2014), de Mathew Marcus; *Servidão Moderna* (2010), de Jean François Brient; *Nuvens de Veneno* (2013), de Beto Novaes etc.

Esse processo é parte constituinte das rearrumações do capital, em nível global, sendo que as marcantes mudanças que ocorreram no ambiente produtivo fazem florescer o cenário que se concretizará numa nova ordem espacial moldada pela empresa flexível, a qual traz consigo novas regulações quanto aos mecanismos e padrões de acumulação e de geração de valor. É nesse contexto que a precarização e a flexibilização do emprego, associadas às crescentes mudanças na organização do trabalho, internalizam e ao mesmo tempo expressam as ocupações ligadas às tecnologias da informação e da comunicação (TCI) – em essência, de natureza informacional e imaterial – marcando o teletrabalho ou popularmente identificado como trabalhador de *call center*. Daí a identificação da degradação sistêmica do trabalho, no agrohídronegócio, como referencial para nossas reflexões, neste artigo. O movimento contraditório entre as formas regressivas (quanto aos impactos no trabalho) e espectrais (que expressam a modernidade do desenvolvimento tecnológico), do metabolismo social impõe nossas ações de pesquisa, focadas no objeto das condições de vida, trabalho e lutas de resistência e emancipatórias dos trabalhadores.

Assim, o traço de manualidade do trabalho taylorista, em contraposição ao trabalho de gerência (intelectual), cede lugar à nova marca de precarização, agora, pois, mediada por mecanismos de controle os quais se propõem suavizar as linhas divisórias anteriores taylorista-fordistas, ou seja, o ambiente de trabalho é mais participativo, tecnificado/automatizado, assim como aparentemente menos dividido, porém, regado por princípios da degradação sistêmica do trabalho. (BIHR, 1998).

### III. Metodología

A regressividade predominante em ambiente ideologicamente marcado pelas inovações espectrais tem, na degradação do trabalho, o atestado da irracionalidade



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sistêmica do modo de produção capitalista. Isto é, se considerarmos três momentos técnicos/tecnológicos, contemporâneos, como as automações mecânica, eletromecânica e a informático-microeletrônica, temos que a invisibilidade dos processos de dominação e controle, por parte dos setores burgueses que hegemonizam a concentração e monopolização de capital, nublam os expedientes utilizados para manter os patamares de extração de mais-valia e de controle do trabalho.

Entremeada, pois, pelas novas decisões em relação à organização produtiva, como a terceirização, os artifícios da exploração do trabalho, com a retomada de dispositivos sutis que praticizam a mais-valia relativa, via intensificação do trabalho, e a absoluta (com a extensão da jornada) e a, em busca da extração de trabalho excedente, num mundo marcadamente mais técnico e informacional, tem-se a presença crescente do cibertariado<sup>1</sup>, notadamente afirmado, sem, todavia, preocupar-se com a saúde ou as condições de vida dos trabalhadores. (RIBEIRO, 2015).

A nocividade desse processo, dos ambientes reformados e das formulações combinadas das rotinas de trabalho, tem, como consequência, as doenças ocupacionais, as quais expressam inúmeras situações de exposição a riscos, mutilações, contaminações, intoxicações, acidentes graves, descartes e até mesmo mortes.

Esses assuntos nos ocupam cada vez mais, nas pesquisas. Está-se diante de exemplos significativos das disputas territoriais e de classe, no Brasil, no século XXI, ainda não visíveis para a maioria da sociedade, ofuscadas pelas campanhas milionárias de marketing do capital e/ou afinadas à irracionalidade sistêmica e ao projeto destrutivo de desenvolvimento da agricultura com base no modelo das grandes áreas monoculturas para exportação, à base de crescente consumo de agrotóxicos<sup>2</sup>, em detrimento da produção de alimentos para o consumo humano, em pequenas unidades familiares, referenciada na agroecologia.

No plano imediato, põe-se a questão da natureza da crise econômica e social presente no século XXI, que já não pode ser negada. No entanto, é necessário destacar

---

<sup>1</sup> Cf. HUWS, 2004.

<sup>2</sup> Cf. RIGOTTO, 2011.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que a crise que temos de enfrentar é estrutural, profunda e, a cada momento, ganha mais gravidade, tendo amplitude global, e como indica Mészáros (2011) "toma a forma de crise endêmica, cumulativa, crônica e permanente" (p.11-12). Isto é, afeta a totalidade de um complexo social, em todas as suas relações com as partes constituintes, da mesma forma que com outros complexos (BOMBARDI, 2011). O roteiro de uma crise financeira que provocou a crise mundial teve início no final de julho de 2007, constituindo, por isso, uma crise do regime de acumulação predominantemente financeirizada, principiada no final da década de 1980. Chesnais (2011, p.186) vai mais fundo, quando pondera que essa enorme crise "[...] é a conexão entre a crise econômica e financeira e a crise ecológica mundial em suas diferentes dimensões."

A articulação entre a crise do padrão de acumulação mundial, sua dimensão financeira, e o aprofundamento da sua dimensão estrutural impôs a reestruturação produtiva do capital, a partir da década de 1970, que se especializou a partir de uma nova base técnica, agora informacional. Nesse processo, foi necessário destruir relações estabelecidas entre capital, trabalho e Estado desde o pós-guerra com o Welfare-state, sendo que a solução para a crise teve no neoliberalismo o cimento que consolidou o intento burguês de controle social. O combate à inflação, as privatizações e o desmonte do Estado compuseram o receituário para as salvaguardas da acumulação de capital e do aparato da burguesia decadente. É importante resgatar Antunes (1999) quando assevera que os nexos existentes entre neoliberalismo e acumulação de capital se somaram para garantir a estrutura do desenvolvimento das técnicas anunciadas com o toyotismo.

Essas marcas específicas da periferia do sistema, que conta com uma elite subserviente ao grande capital, acrescida das estratégias fundantes do golpe de agosto de 2016, ou seja, destruir as conquistas sociais, eliminar lideranças políticas dos trabalhadores, criminalizar os movimentos sociais, negar direitos e consolidar, junto ao aparato estatal, as bases do entreguismo típico da barbárie que marca essa escalada, impõem os referenciais fundantes da degradação sistêmica do trabalho.

O quadro devastador que intemperiza a sociedade, o ambiente e o trabalho estão afinados à ideologia do desenvolvimento, equivocadamente adjetivada de sustentável, e,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

neste alvorecer do século XXI, reforça suas tintas no aumento intenso da pobreza no mundo ou do empobrecimento de trabalhadores, inclusive dos que estão empregados. Em outros termos, esse processo geral é reforçado pelos milhões de desempregados e descartados do mercado de trabalho, da mesma maneira que pela extremada destruição da natureza, dos ecossistemas, os quais desmentem o falso escopo de ações sustentáveis e humanização do capitalismo, veiculados pelas campanhas midiáticas milionárias e mentirosas, e tão habilmente acatadas e defendidas por diversos setores da sociedade, inclusive rebatendo nas universidades.

Isso revela que a sociedade, de modo geral, e os trabalhadores, em particular, estão subsumidos pelos instrumentos de controle e dominação do capital, habilmente manipulados pelos diferentes setores da burguesia abrigados no controle do Estado. Se não bastasse tamanha fúria destrutiva sistêmica, o capital e suas distintas ramificações transferem responsabilidades para os trabalhadores ou os culpabilizam, inclusive pelo desemprego, naturalizando os efeitos desastrosos das crises estruturais. Por muito menos, é bom que se diga, que durante a vigência do pacto neodesenvolvimentista, instaurado no Brasil de 2003-2010 durante os dois governos Lula, os poucos avanços alcançados viraram água porque as frações burguesas nacionais e suas articulações em nível internacional, se sentiram ameaçadas no seu empreendimento superior da acumulação de capital associado ao controle social. É daí que se entende a arquitetura do golpe parlamentar-jurídico-midiático, que fez ascender em curto prazo marcas de destruição das conquistas sociais, jamais conhecidas e que atingiram expressivos contingentes de assalariados e dos trabalhadores em geral.

#### IV. Análisis y discusión de datos

A restauração do neoliberalismo, via o golpe de Estado jurídico-parlamentar-midiático, de 31/08/2016, através do qual Michel Temer ascende à presidência da República, naufragou o tímido projeto popular que não decolou propriamente, todavia os lampejos e migalhas de melhoras proporcionadas batizaram-no de neodesenvolvimentista,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

foi negado pelas frações burguesas não mais afinadas ao lulismo . Os novos interesses da burguesia com acento ao poder de Estado, no Brasil, e o jogo de alianças com setores das organizações dos trabalhadores e setores do empresariado nacional, focados nos interesses da burguesia internacional financeira e rentista alinhada aos EUA, tem no golpe de Estado as garantias para a imposição das reformas ultraliberais necessárias para retirar do texto constitucional direitos e proteções dos trabalhadores. Boito Junior (2017), sobre isso, reforça que ocupa centralidade na execução/consecução do golpe de estado promover a redução do Estado, por meio da PEC 55, flexibilizar a legislação trabalhista e intensificá-la por meio da instituição da terceirização total, aumentar a mais valia absoluta com a reforma da Previdência Social, consorciado a todo o desmonte da máquina pública etc.

É por meio dessas contradições que ocorrem os novos campos de disputas e conflitos de classe, bem como referenciais das lutas de resistência que estamos prosseguindo com nossas pesquisas, com o propósito de retomar a necessária compreensão do trabalho, enquanto categoria fundante para o entendimento da estrutura espacial, da dinâmica territorial, ou do espaço geográfico, sendo, pois, por essa via que a totalidade do trabalho se constitui no edifício teórico-político-ideológico da dinâmica geográfica das lutas e dos embates de classe, de caráter emancipatório.

Isso significa dizer que, sob o capitalismo, o trabalho como atividade vital se configura como trabalho estranhado, expressão designativa de uma relação social encimada na propriedade privada, no capital, no dinheiro e no controle social. Retomar Antunes (2014), quando argumenta que "dizer que com a vigência do mundo da mercadoria em sua espectral objetividade, o estranhamento, que nada tem de natural, torna-se um fenômeno social decisivo para a modernidade e sua superação", nos desafia à continuidade das pesquisas. Ao sabermos que esses comentários de Antunes (2014, p.47) endossam sua aprovação à rica contribuição de Lukács para o debate crítico das estruturas de fundamentação e de dominação da sociedade do capital, que por meio da ontologia materialista de Marx repõem em questão a regência da lógica fundante no objeto, no desvendamento das categorias decisivas do ser social, onde o trabalho mesmo



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

quando se conforma como trabalho estranhado, não elimina sua dimensão de atividade vital.

### **IV.1. Cicatrizes da crueldade da estrutura social do capital no corpo e na alma do trabalhador**

A intensidade, amplitude e nocividade dos processos de trabalho afinadas ao padrão de acumulação imposto e à mercantilização da força de trabalho nos permitem colocar em questão que as lesões, os adoecimentos e as cicatrizes não se restringem somente às marcas físicas, mas também chegam à alma do trabalhador, quer pelos sintomas da exclusão, do descarte, como pela inabilitação para continuar vendendo força de trabalho ou, ainda, em função dos males que se circunscrevem ao âmbito da loucura do trabalho (DJOURS, 2015). Isto é, o capital se apropria hoje dos anos futuros do trabalhador, ou do vigor requerido para o ato de laborar, por meio dos mecanismos de intensificação, extensão do tempo de trabalho ou de procedimentos que caracterizam a superexploração do trabalho (VERÇOZA, 2016).

Na Inglaterra do Século XXI é notória a erosão às conquistas trabalhistas do welfar state, na figura dos trabalhadores com contrato de zero horas, ou seja, não se garante carga mínima de trabalho, e só são remunerados com base nas horas trabalhadas. Caso semelhante ocorre no Japão, com o diferencial que os trabalhadores têm que ficar à disposição da empresa, sem todavia dispor com nenhuma garantia de ganho diário.

Em relação ao trabalhador rural, além dos casos de conhecimento corrente, destacamos os trabalhadores avulsos, pois sua existência está na razão direta de procedimentos de contratação e pagamento que desrespeitam frontalmente a NR-31, a CLT e a própria Constituição de 1988. Esses trabalhadores puxam a fila das atrocidades praticadas pelo capital, que, diferentemente, do boia-fria ou do diarista não residente, não são beneficiários de contrato de trabalho, sendo assim, nenhum direito lhes é garantido e só se mantém vinculados precariamente na periferia do mercado de trabalho, porque se comprometem a se manterem fiéis aos gatos, não revelando para terceiros a violação dos direitos protagonizados pelo capital. Há acordo tácito entre os próprios trabalhadores, à base do silêncio imposto e consentido, porém controlado pelos fiscais e/ou “gatos”, que



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

problemas a publicização dessa realidade laboral marginal, sustentada pela elevada volatilidade das atividades realizadas. Ou seja, cada dia em lugar e atividades distintas, lidando com produtos e processos de trabalhos diferentes, tais como: catação de pedra nos plantios de cana-de-açúcar, panha de laranja, colheita do café, de batata doce, sementes de capim etc. Esse assunto, nos remete a estudos específicos que já se encontram em andamento, entretanto, nos sinaliza que a negação dos direitos mínimos garantidos aos trabalhadores rurais, mais à volatilidade de diferentes tarefas que exigem performances diferentes e referenciadas a patamares de produtividade e eficiência específicos, muito provavelmente reservarão a esses trabalhadores do eito sem fim, multiplicidade de adoecimentos, consequências de acidentes ocupacionais, sem que estejam protegidos por lei, tampouco cobertos pela atuação dos sindicatos.

No entanto, é no interior das frequentes expressões degradantes do trabalho e dos conflitos (territoriais) que temos o fio condutor das ações dos sujeitos envolvidos no ambiente de reprodução do capital no agrohídronegócio, no Brasil. Em decorrência, as ações que contrapõem trabalhadores X capital, as fissuras intercapital reveladas pela necessidade de terras planas, férteis e com disponibilidade hídrica – portanto, aptas à mecanização e à expansão do pacote tecnológico com vistas à exportação –, e entre os próprios trabalhadores são, por excelência, os exemplos das disputas por território que revelam o conteúdo e os significados do processo expansionista e concentrador do agrohídronegócio, em geral. É por isso que a evidente vinculação entre a expansão das áreas de plantio das commodities com a disponibilização dos recursos terra e água tem sido imprescindível para as estratégias do capital. Por conseguinte, a posse da terra e da água nos remete a refletir sobre o papel do Estado no empoderamento do capital e seus efeitos no quadro social da exclusão, da fome, sublinhando a necessidade da emergência da reforma agrária e da soberania alimentar.

Esse processo de expansão do agrohídronegócio, o qual se consolida em praticamente todos os biomas brasileiros, se fortalece com intensidade no Cerrado, na Mata Atlântica, na Amazônia e em algumas áreas do Semiárido do Nordeste, sendo, desse modo, a mais recente, o MATOPIBA (quadrilátero composto pelos Estados do Maranhão,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tocantins, Piauí e Bahia), última fronteira do destrutivismo agroexportador. Esse empreendimento agroexportador concilia interesses dos conglomerados agroquímico-alimentar-financeiros, ensejando a produção para exportação (commodities), tais como a soja, milho, algodão, eucalipto, frutas, o fortalecimento da pecuária em grandes extensões de terra, a verticalização das granjas (suínos, frangos), a pesca industrial e a piscicultura. Atualmente, vincula-se igualmente, de forma direta ou consorciada, a outros grupos econômicos, aos negócios da construção de barragens e hidrelétricas (ALVES, 2014).

Assim, mantém-se o desmatamento, a expansão dos cultivares e das commodities à base do destrutivismo referenciado na quimificação, nas sementes transgênicas, como prática usual para a produção de mercadorias oriundas da commoditização da agropecuária. Só para termos uma ideia da dimensão desse processo destrutivo, no Brasil, entre 2007 e 2013, o volume de agrotóxicos consumidos nas terras cultivadas dobrou, enquanto a área cultivada aumentou em menos de um terço. (THOMAZ JUNIOR, 2014).

Segundo o Dossiê ABRASCO (2015), 70% dos alimentos in natura consumidos no Brasil estão contaminados por agrotóxicos, sendo que, em 28 % dos casos diagnosticados, contêm substâncias não autorizadas, tendo em vista o universo de 440 ingredientes ativos e 2.400 formulações de agrotóxicos, e ainda, dos 50 mais usados nas lavouras no Brasil, 23 são proibidos na União Europeia, tais como o glifosato, endosulfan, metamidifós, 2.4D, paration-metílico etc. Isso sem contar os alimentos que passam por processamento agroindustrial, via de regra produzidos a partir de sementes geneticamente modificadas, que também contêm elementos e partículas nocivas à saúde. Castilho (2013), considerando esse conjunto de situações que ocorrem simultaneamente, indica que, não obstante a existência da notória subnotificação, em 2013, foi registrado o maior número de notificações de intoxicação por agrotóxicos no país, desde o início da série histórica, totalizando 12.534 casos.

É importante notar que, a despeito das variações existentes quanto à quantidade de agroquímicos (agrotóxicos e fertilizantes) aplicados, por lavoura, como também quanto às categorias de produtos, especialmente nos monocultivos e/ou commodities, em termos médios, os 100 bilhões de litros aplicados nas lavouras, no ano de 2016, revelam



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

uma média de 487,80 litros para cada brasileiro. Os resultados de pesquisa oriundos de estudos anteriores e em curso mostram como diversos inseticidas (organofosforados, carbamatos, organoclorados, piretroides), herbicidas (dinitroferóis, fenoxiacéticos, dipiridilos) e fungicidas (ditiocarbamatos, fentalamidas) são responsáveis por danos contra a saúde humana e ambiental e catalisadores de acidentes e doenças laborais.

A crueldade e ampliação dos agravos e das intoxicações agudas e subagudas (gastrointestinais, renais, dérmicas, hepáticas, neurológicas, pulmonares, deficiências no sistema imunológico, quadros clínicos psiquiátricos) e crônicas (psiquiátricas, neurológicas, desreguladores endócrinos, teratogênicas, mutagênicas, carcinogênicas), apresenta repercussões diretas num amplo leque de patologias, tais como depressão, surdez, doença de Parkinson, malformação congênita, diabetes, hipotireoidismo, infertilidade, abortos, anencefalia e câncer. No caso da agroindústria canavieira, por exemplo, temos constatado que patologias que, em casos extremos, levam a óbito, estão associadas, simultânea, direta ou indiretamente: a) às formas de exposição ocupacional dos trabalhadores canavieiros; b) à presença de resíduos contaminantes nos alimentos que ingerem, tanto esses trabalhadores, nos locais de trabalho, como os consumidores finais dos produtos agroalimentares oriundos da agroindústria da cana-de-açúcar) e; c) à contaminação ambiental (ar, água, solo, chuva etc.), seja do local de trabalho, o eito da cana, seja das comunidades do entorno das grandes áreas de exploração monocultora de cana-de-açúcar, onde a grande maioria das famílias desses trabalhadores vive .

Nosso esforço de análise e pesquisa se fundamenta nos objetivos centrais do Projeto de investigação "Mapeamento e Análise do Território do Agrohídronegócio Canavieiro no Pontal do Paranapanema-São Paulo-Brasil: Relações de trabalho, conflitos e formas de uso da terra e da água, e a saúde ambiental" , em curso, voltado para o uso intensivo e a proliferação desmesurada da aplicação de agroquímicos nas lavouras canavieiras da região do Pontal do Paranapanema, no interior do estado de São Paulo. Na mesma linha, reunimos informações e entendimentos extraídos de mais dois Projetos de Pesquisa, os quais expressam igualmente parte das reflexões fundamentadas no âmbito do Projeto de Pesquisa, em vigência, 1) "Movimento Territorial de Classe, Plasticidade do



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Trabalho e os Impactos na Saúde do Trabalhador no Século XXI (conflitos territoriais e luta pelo acesso à terra e à água)" ; e 2) "Expansão Territorial do Agrohidronegócio e os Impactos para o Trabalho e Movimentos Sociais, no Século XXI" . Da mesma forma, incluem-se ações de pesquisa em nível de doutorado, em diversas porções do território brasileiro, sob nossa orientação .

### **IV.2. Formas da degradação sistêmica do trabalho e a relação saúde-doença**

A regressividade que acompanha as inovações espectrais tem na degradação do trabalho o atestado da irracionalidade sistêmica do modo de produção capitalista. A imanência da extração de mais trabalho, a partir das formas puras e combinadas da mais-valia relativa e absoluta, concretiza a objetividade dos tempos de exploração/subordinação e controle do trabalho, bem como as modalidades de produção, distribuição e circulação do capital.

A identidade empírica da transição tecnológica em curso no agrohidronegócio canavieiro, no Pontal do Paranapanema, como parte da reestruturação produtiva do capital, se expressa com fortes traços da prevalência da mecanização do corte e do plantio – como novas formas características de adoecimentos –, aliada à intensificação do modelo químico-dependente dos tratamentos culturais, o que é a própria existência da degradação sistêmica.

A linha de raciocínio que estabelecemos associa a relação saúde-doença aos processos de trabalho, conjuntamente aos nexos que dão existência às doenças ocupacionais e que, concretamente, identificam as exposições aos riscos – e não aos acidentes, como equivocadamente se veicula –, revelando, então, a existência própria dos instrumentos de controle do capital sobre o trabalho e da sociedade, de modo geral. (HECK, 2017). Assim, a relação trabalho-saúde é a própria sociedade respondendo às formas de controle social exercidas pelo capital (THOMAZ JUNIOR, 2014).

Também na produção de eucalipto para celulose, sob o controle estrito de um número reduzido de grandes corporações (Fibria Celulose, Suzano Papel e Celulose, Eldorado Brasil Celulose, Stora Enso, CMPC, Cenibra, Jari Celulose e Klabin), verifica-



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

se que a mecanização espectral do processo produtivo não é impedimento para os riscos ou para a exposição aos riscos (químicos, físicos e biológicos) aos trabalhadores. Ao contrário, ajuda a ocultá-los (PERPETUA, 2016). Diversos depoimentos obtidos em campo dão conta de que as formas “flexíveis” de organização e controle do trabalho, pautadas pela terceirização da contratação, pela remuneração variável, ditada por metas de produção abusivas e inatingíveis, e pela expansão da jornada (extração de mais-valia absoluta) ou pela intensificação do ritmo de trabalho (extração de mais-valia relativa) compõem o substrato no qual pululam os agravos.

### **V. Conclusiones**

A irradiação desses processos nos põe diante do desafio de desnudar as relações entre o modelo de desenvolvimento brasileiro, os impactos para o trabalho e os desdobramentos para as políticas de reforma agrária, soberania alimentar e energética, para a saúde coletiva e dos trabalhadores. Em outras palavras, nossa atenção ao fenômeno da degradação sistêmica do trabalho nos faz situá-lo como um dos resultados da precarização contemporânea, evidenciado pelos riscos e agravos à saúde dos trabalhadores, todavia, historicamente previsto nos mecanismos de exclusão e/ou inclusão precária dos trabalhadores ao sistema metabólico.

A exigência dos trabalhadores por políticas públicas voltadas para a Reforma Agrária e para a produção/comercialização de alimentos repõe em cena a aposta consciente no projeto de fortalecimento da agricultura familiar e camponesa . A negação e o combate dessas iniciativas dos trabalhadores, por parte do Estado, do capital e da burguesia, em geral, se somam às ações deliberadamente direcionadas às formas salariais puras e/ou combinadas e multiplicam a ocorrência da degradação sistêmica do trabalho. Por essa via de entendimento como expressão do amplo leque de realizações/desrealizações objetivas, como parte do movimento contraditório da totalidade viva do trabalho, podemos situar as diferentes formas de existência/reivindicação e os significados das subjetividades que marcam os territórios da degradação do trabalho .



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em momento anterior, expusemos que a sociedade do capital, encimada no ambiente contraditório da reestruturação produtiva, vem sendo modificada intensamente nas últimas décadas, o que tem atingido a estrutura de classes, a própria dinâmica das dimensões objetiva e subjetiva dos trabalhadores e a dinâmica geográfica do trabalho, enquanto movimento contínuo e contraditório de (des)realização da territorialização/desterritorialização-reterritorialização. Pela via desses referenciais teórico-metodológicos, vislumbramos a compreensão do universo do trabalho, cada vez mais fragmentado, heterogeneizado e precarizado, particularmente sob o fogo cruzado da reestruturação produtiva do capital, todavia, sem perder sua centralidade. Em síntese, temos o redimensionamento das configurações sociais que dão sustentação a diferentes expressões e significados do trabalho, quer nos campos, quer nas cidades, de sorte a acrescentar novos valores e sentidos para os sindicatos, as centrais sindicais, as associações, os partidos políticos etc.

A esses desafios se soma a sincronia perversa entre a implosão das forças produtivas e o seu iminente descarte, transformando contingentes de trabalhadores em refugio e, em decorrência, o fato de que o trabalho, enquanto medida de riqueza, já na sua forma abstrata, passa por profundas modificações, mas não deixou de ser referência para o valor, para a lei do valor, para a acumulação de riqueza (THOMAZ JUNIOR, 2014). Mais ainda, no século XXI, a polivalência e a multifuncionalidade, algo diverso do que prevaleceu na empresa taylorista e fordista, atestam que o processo de trabalho que as empresas implementam nasce da sua fissura.

A fase da “desespecialização multifuncional”, do “trabalho multifuncional” e da terceirização expressa a intensificação dos ritmos, tempos e processos de trabalho, os quais se territorializam nas diversas instâncias, áreas e setores da atividade laboral, isto é, tanto no mundo industrial quanto nos serviços e no agrohidronegócio. No que se refere à terceirização, Druck (2011), afirma que é uma das facetas do processo mais amplo de precarização do trabalho, manifestado nos agravos à saúde dos trabalhadores, com rebatimentos para além do ambiente de trabalho. A radicação desse processo, nas áreas de expansão recente da produção de commodities, responde às exigências do



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desenvolvimento destrutivo das forças produtivas, ou seja, a modernização tecnológica e gerencial que desrespeita as condições salubres prescritas faz-se valer do aumento da produtividade, da diminuição dos custos de produção e, com isso, o rebaixamento dos salários e a eliminação de força de trabalho. Prova cabal das estratégias empresariais para extrair ao máximo mais valor dos trabalhadores são as constatações quanto aos agravos, acidentes, mutilações etc. Ainda que a subnotificação seja a tônica do desconhecimento dessa realidade, à razão de 50 por 1, fundamentada na não emissão das CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho), por parte das empresas, as multas que o Ministério Público do Trabalho (MPT) aplica às empresas do agrohidronegócio também revelam o descaso por parte do capital.

É importante notar que a intervenção pública no âmbito da saúde do trabalhador tem no Sistema Único de Saúde (SUS) pilar importante para a promoção à saúde, a qual está vinculada à Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT), produto da criação, em 2002, da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), que deve estar integrada aos Centros de Referência de Saúde do Trabalhador (CEREST) – (GUIMARÃES, 2008). Apesar dos avanços alcançados no âmbito do SUS, os passos ainda são muito tímidos, marcando a degradação do trabalho com a sina sistêmica, a começar pelo diagnóstico, passando pela fiscalização preventiva dos riscos e agravos, e as tomadas de decisão para os encaminhamentos pelo serviço de saúde.

Já em nível mundial, com base nas informações disponibilizadas para 2015, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), ocorrem diariamente 6.300 mortes relacionadas ao trabalho, e 317 milhões de trabalhadores todos os dias são vítimas de acidentes, o que equivale a 850.000 lesões diárias, com quatro dias ou mais de afastamento do trabalho. Aqui se incluem os "acidentes" que envolvem intoxicação grave com agrotóxicos, oriundos das atividades do agrohidronegócio. No Brasil são notificados mais de 400.000 casos de contaminação por agrotóxicos, todavia, o diagnóstico da contaminação crônica, diferentemente da aguda, é cumulativo e pode demorar para se manifestar, via de regra se confundindo com doença comum e não sendo notificada. Já de acordo com estudo da Central Única dos Trabalhadores (CUT) , nos últimos 42 anos,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

aconteceram 38 milhões de acidentes de trabalho, no Brasil, sendo 560.000 identificados com incapacidade permanente. Apesar de, nas últimas duas décadas, o número de mortes no trabalho venha diminuindo paulatinamente, a ocorrência de acidentes e adoecimentos ocupacionais aumentou, de forma expressiva e preocupante, sendo que o país ocupa a escorçante quarta colocação, em nível mundial.

O atrelamento entre trabalho e saúde que estamos realizando, nas nossas pesquisas, nos possibilita apreender os significados atuais da degradação imanente ao agrohidronegócio canavieiro, a qual adjetivamos de sistêmica. Isto é, a degradação que recobre tanto as relações sociais de trabalho e de produção, como rebate diretamente sobre o ambiente, repercutindo na saúde ambiental, agrega elementos renovados que se impõem no fenecimento dos trabalhadores. (MÉSZÁROS, 2007)

Em essência, as interfaces entre dinâmica territorial, formas de dominação e relações de trabalho, formas de uso da terra, gestão da água e saúde ambiental ocupam lugar central na análise das consequências do modelo de desenvolvimento econômico integrado à dinâmica de valorização do capital. Afinal, os processos de adoecer e morrer se assemelham ou se diferenciam, independentemente de os trabalhadores viverem em um município ou em outro, podendo extrapolar limites entre estados, como ocorre em São Paulo e nos demais estados, no contexto do Polígono do Agrohidronegócio .

Dessa forma, a gênese e o desenvolvimento de muitas doenças têm conexão com o trabalho (ocupacional) e relações sociais subjacentes, muito embora haja uma tendência nos serviços de saúde e previdenciários, mediada pela ideologia capitalista, que identifica essas manifestações de modo a-histórico, como se adoecer e morrer antes do tempo não tivessem ligação com a realidade material e subjetiva de trabalho.

Disso extraímos que abstrair as doenças como vinculadas unicamente à subjetividade humana, ou até mesmo o acidente, como causa da vontade própria – como se o trabalhador pudesse premeditá-los –, é uma análise simplista e irreal, a qual desconsidera as relações sociais de trabalho e de produção encimadas na estrutura social/metabólica do capital, da sua reprodução via exploração do trabalho e da captura da mais-valia, portanto, características estruturantes da degradação sistêmica. Em síntese,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

não se trata somente da periculosidade dos ambientes e das condições de trabalho, contudo, de fato, igualmente das relações de trabalho que controlam e submetem os trabalhadores a diferentes modalidades/intensidades de barbárie, incluindo não apenas os acidentes, lesões, com suas sequelas, mas também o descarte, as restrições de liberdade e autonomia, "[...] determinantes no processo do saque da vida/saúde." (LOURENÇO, 2013).

Ao nos propomos identificar as diferentes formas que expressam resistência ao capital, todavia não mais restritas aos parâmetros do assalariado tradicional, ou do operário taylorista/fordista, estendemos nossas atenções para as demais formas de explicitação do trabalho, não apenas limitadas ao “chão de fábrica”, que, em conjunto, crescem em todas as escalas geográficas e em magnitude. A respeito das sociabilidades que não se restringem ao circuito da relação essencialmente capitalista, podemos tomar os exemplos das práticas socioculturais as quais envolvem diretamente as comunidades à memória da terra, ou seja, a terra vista não como mercadoria, mas território de vida, da própria existência, o que significa que, ao perdê-la, perde-se juntamente a possibilidade da existência.

Identificar as marcas territoriais do trabalho e as dinâmicas que expressam o movimento contraditório das diferentes formas de realização/desrealização, tarefa que assumimos, na Geografia do trabalho, pressupõe compreender o território na sua multiescalaridade-multidimensionalidade (THOMAZ JUNIOR, 2011). As experiências nos vão permitir refletir sobre a realidade, pela via do trabalho, em lugar de nos “escondermos” e nos protegermos por trás de afirmações desvinculadas da práxis política com as quais os trabalhadores e os movimentos sociais estão construindo e requalificando a Geografia do trabalho, no planeta. É o entendimento das diferentes experiências de resistência, de organização e da plasticidade do trabalho constantemente refeita, do movimento territorial de classe, das tentativas de unificação orgânica das lutas, que nos possibilitará conhecer o enraizamento e o sentido emancipatório e revolucionário do trabalho, e não as definições preconcebidas, forjadas e distantes da centralidade do conflito de classe e do processo social que lhe dá sustentação.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O sentido que conferimos ao conceito de degradação do trabalho nasce, de alguma forma, com a perda da dimensão ontológica do trabalho produtor de “coisas” úteis para a imposição hierárquica do trabalho sob o domínio de outrem, para a produção de valores de troca. Por isso, é importante mostrar que o conceito de degradação do trabalho, conforme apresentamos, está relacionado a um processo histórico que reduziu o trabalho (categoria fundante do ser social e eterna necessidade do mundo dos homens) à mera mercadoria vendável. É essa condição histórica que funda as mediações de segunda ordem (MÉSZÁROS, 2002), as quais fundamentam a degradação do trabalho.

Dessa maneira, a degradação do trabalho, associada ao adoecimento físico e mental dos trabalhadores do agrohidronegócio, revela que as doenças ocupacionais se ligam menos às disposições biológicas e anormalidades orgânicas, que têm incidência isolada sobre trabalhadores, que, fundamentalmente, com a organização e a realização da atividade laboral. Isto é, sob determinadas condições, nas sociedades contemporâneas, que primam pela flexibilização, intensificação dos processos exploratórios, ligados aos descumprimentos da legislação trabalhista, acentua-se ainda mais a degradação do trabalho.

## VI. Bibliografía

ALVES, J. A revolta de Jirau: a degradação do trabalho represada na produção de energia elétrica na Amazônia. Tese (Doutorado em Geografia) - PPG/Geografia/FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2014.

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. Estudos Avançados, v. 28, n. 81, 2014.

BIHR, A. Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise. São Paulo: Boitempo, 1998.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

BOITO JUNIOR, A. A burguesia brasileira no golpe do impeachment. Brasil de Fato, 06 janeiro, 2017. Disponível em: [www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br). Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

BOMBARDI, L. M. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. Boletim DATALUTA – Artigo do mês: set. 2011.

CARNEIRO, F. R. et. al. Dossiê ABRASCO. (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CASTILHO, I. Intoxicações por agrotóxico quadruplicam no Sudeste: donas de casa estão entre principais vítimas. De olho nos ruralistas, 31/10/2016. Disponível em: <http://outraspalavras.net/deolhonosruralistas>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CHESNAIS, F. Não só uma crise econômica e financeira, uma crise de civilização. In: NOBILE, R.; JUNKINGS, I. (Org.). István Mészáros e os desafios do tempo histórico. São Paulo: Boitempo, 2011. p.187-198.

DEJOURS, C. n: estudos de psicopatologia do trabalho. 6a Edição. São Paulo: Cortez, 2015.

DRUCK, M. G. n: novos e velhos desafios? Cad. CRH, Salvador, v. 24, n. 1, 2011.

GUIMARÃES, R. B. n: da escala do corpo à escala da nação. 2008. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Saúde Ambiental, Faculdade de Saúde Pública/USP, São Paulo, 2008.

HARVEY, D. n. São Paulo: Loyola, 2013.

HECK, F. M. No abate de frangos e suínos: o descarte do trabalho. Curitiba: Prismas, 2017.

HUWS, U. The making a cybertariat: virtual work in a real world. London: Merlin, 2004.

LOURENÇO, E. A. S. Alienação e Agravos à saúde dos Trabalhadores no Setor Sucroenergético. In: LOURENÇO, E. A. S.; NAVARRO, V. L. (Org.). O Averso do Trabalho III: Saúde do Trabalhador e Questões Contemporâneas. Outras Expressões- SP, 2013.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

LUXEMBURGO, R. A acumulação de capital. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARX, K. Contribuição à crítica à economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MÉSZÁROS, I. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, I. O desafio e o fardo do tempo histórico. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. Estrutura social e formas de consciência II. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, I. A montanha que devemos conquistar. São Paulo: Boitempo, 2015.

OLIVEIRA, A. U. A mundialização da agricultura brasileira. São Paulo: Iãnde Editorial, 2016.

PERPETUA, G. M. Pilhagem territorial, precarização do trabalho e degradação do sujeito que trabalha: a territorialização do capital arbóreo-celulósico no Brasil contemporâneo. 2016. 370f. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2016.

RIBEIRO, H. P. De que adoecem e morrem os trabalhadores na era dos monopólios. São Paulo: Sem Editora, 2015.

RIGOTTO, R. M. [org]. Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no baixo Jaguaribe/CE. Co-edição com a Expressão Popular. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

THOMAZ JUNIOR, A. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. Revista da ANPEGE, Campinas, v. 7, n. 1, n. esp., p. 307-329, out. 2011.

THOMAZ JUNIOR, A. Trabalho e saúde no ambiente destrutivo do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP) - Brasil. Revista Pegada, Presidente Prudente, v. 15, n. 2, p.4-18, 2014.

THOMAZ JUNIOR, A. O trabalho como elemento fundante para a compreensão do campo no Brasil. In: NOVAES, H.; MAZIN, A. D.; SANTOS, L. (Org.).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Questão agrária, cooperação e agroecologia. (Parte 4 Mundialização, trabalho, gênero e juventude do Campo). São Paulo: Outras Expressões, 2015. p.323-340.

VERÇOZA, L. Os saltos do “canguru” nos canaviais alagoanos: um estudo sobre trabalho e saúde. 2016. 208 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.